



COSTUMES — MOLDO — VALACHIOS.

A **GUERRA** do Oriente, por muitas vezes adiada, e reproduzindo-se sempre sob variadas formas, busca finalmente na guerra uma solução definitiva; não está realmente este meio muito em harmonia com as pretensões e tendencias do seculo; mas tambem não sabemos que houvesse outro, depois de exhaustos todos os recursos da diplomacia, empregados com perseverança e com intelligencia por espaço de muitos mezes. Seja porém como fôr os negocios do Oriente attrahem a attenção geral; é por isso que nós, conservando-nos afastados do campo da politica, cujos limites temos por systema respeitar severamente, funcionamos, em um pequeno trabalho, dar uma idéa

da importantissima questão, que hoje tem por theatro as margens do Danubio. Como introdução a esse trabalho começará no seguinte numero a publicação de um excellente artigo de um dos nossos colaboradores, sobre os imperios byzantino e ottomano.

A nossa estampa representa uma scena de costumes moldo-valachios. A Moldavia e a Valachia, bem como a Servia, constituem os tres principados que se denominam do Danubio. A Servia é dividida em dezeseite circulos: capital Belgrado. A Valachia divide-se em dezoito districtos, e tem por capital Bucharest; a Moldavia, é repartida em treze districtos, a capital d'este ultimo principado é Jassy.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XIX.

Arrayolos em côrtes.

A VILLA de Arrayolos tinha assento nas antigas côrtes dos tres estados no banco 15.^o do braço dos povos.

Beim desejára eu dar um exacto catalogo dos procuradores d'esta villa ás mesmas côrtes, com miuda noticia de suas eleições, da forma e poderes das procurações, e do teor dos artigos e capitulos particulares, que lhe foram commettidos. Porém só interrompidamente apparecem alguns documentos sobre a materia, dos quaes pude colher o seguinte :

Côrtes de Santarem de 1468. — Entre os capitulos especiaes foi o da queixa contra o conde de Guimarães, senhor da terra, o qual capitulo com a resposta d'el-rei forma a substancia da carta de 24 de maio do mesmo anno de 1468, e se viu no capitulo XV.

Côrtes de Evora de 1481. — A estas foi por procurador de Arrayolos e Evora-Monte Diogo do Valle.

Eleito por influencia do duque de Bragança, de cuja casa era criado, levou instrucções do mesmo duque para se oppor aos conhecidos planos de reforma d'el-rei D. João II, como se viu no capitulo XVI.

Côrtes de Evora (1) de 1535. — Foram procuradores Gallar Rodrigues, e Diogo Barreiros (2).

Côrtes de Almeirim de 1544. — Foi um só procurador, cujo nome todavia não acho declarado. São conhecidos dous capitulos especiaes. Um pedindo fosse abolido o couto do castello, o qual com a resposta d'el-rei forma a materia da carta de 21 de julho do dito anno. — Vid. o capitulo IX.

Outro sobre a Adua, consignado no alvará de 8 de julho de 1546. — Vid. o capitulo XXIV.

Côrtes de Lisboa de 1579. — Procuradores Antonio do Valle, e Francisco do Valle.

Côrtes de Almeirim de 1580. — Procurador Francisco do Valle.

Côrtes de Thomar de 1581. — Procuradores Pero Coelho, e Jeronimo Varella (3), cavalleiros da casa d'el-rei.

Côrtes de Lisboa de 1583. — Procuradores Francisco do Valle, e Pero Coelho.

Côrtes de Lisboa de 1619. — Procuradores Martin do Valle, e André Nunes.

Côrtes de Lisboa de 1641. — São as de que acho mais ampla noticia no que toca a esta villa.

Em 6 de janeiro d'este anno se leu em camara a carta d'el-rei em que manda se elejam dous procuradores para irem as côrtes, que se devem fazer em Lisboa a 20 d'este mesmo mez; e logo foram eleitos Manuel Carneiro da Veiga, e Custodio de Vilalobos de Almeida, que sendo chamados acceitaram, e tornando a ser chamados no dia 12 foram notificados que estejam em Lisboa a 19; e prestaram juramento de requererem nas ditas côrtes todo o bem

commum e publico d'este reino, e em particular o d'esta villa; e outrosim tudo o que se contém nos seguintes

Capitulos pera côrtes.

« O juiz, vreadores, e procurador do concelho abaixo assignados pela confiança que temos dos procuradores de côrtes eleitos por nós, que no bem publico commum e particular d'esta villa tratarão bem e fielmente d'elles, fazemos inteira confiança pera que tudo o que lhes parecer haverem de tratar; e só achamos o que pera este povo podem pedir a sua magestade n'esta occasião as cousas seguintes.

« Que não haja alçadas de ajuntos.

« 1.^o Tratarão de pedir a sua magestade que mande reparar os muros e castello e barbacã pera defensão d'esta villa.

« 2.^o Tratarão de pedir a sua magestade se conserve o castello com habitação de gente, para que obrigue aos moradores d'esta villa, aos ricos e aboados, para que lá façam easas.

« 3.^o Pedirão a sua magestade se faça igreja dos bens ecclesiasticos.

« 4.^o Pedirão, que este povo está pobre, e que está muito carregado no cabeção geral, que se abata.

« 5.^o E que as fintas lançadas por os reis de Castella se não use d'ellas.

« 6.^o Pedirão armas, tambores, bandeiras, e peças de artilharia pera o castello.

« 7.^o Pedirão a sua magestade faça esta terra privilegiada e livre de portagem.

« 8.^o E que havendo fintas n'esta comarca, se não lance sem se achar presente huma pessoa d'esta terra, e não se achando presente, a não cumpram n'esta villa.

« 9.^o Que não haja coudellaria, pois as não ha nas terras de sua magestade, e faz muita vexação a este termo e povo.

« 10.^o Que n'este povo, e nos mais, ou a maior parte do reino costumavam eleger escrivão dos orfãos, e avaliadores, e pôr os posteiros. Seja sua magestade servido conservar o que se costumou antigamente.»

Estes capitulos foram entregues aos procuradores, escriptos pelo escrivão, e assignados pelos officiaes da camara (4).

Elles porém, na forma da clausula geral de sua procuração e juramento, requereram além d'estes capitulos alguns mais que lhes pareceu, como se vê de uma memoria na Torre do Tombo (5), que diz :

Requereram — Art. 1.^o Mandar reparar os paços e muralhas, e limpar a cisterna. — Art. 2.^o Fazer nova igreja á custa do prelado, por comer perto de 2 contos de réis em dizimos. — Art. 3.^o O hospital chamado do Trocho de S. Pedro, e o hospital da mesma villa se reunisse á Misericordia.

Parecer das côrtes. — Parece-lhes deve vossa magestade conceder esta mercê, assy como se fez em Evora, Leiria, Tentugal, e outras partes do reino, por quanto se tem experimentado que de se annexarem estes hospitaes e albergarias resulta o maior e melhor aproveitamento dos bens d'elles, e utilidade aos pobres; que é a tenção, com que a maior parte d'elles foram instituidos.»

Assentou a camara que se desse aos procuradores o salario, que sua magestade lhes taxasse, assim dos dias de estada, como dos 6 dias de ida e vinda; de-

(1) João Pedro Ribeiro na sua *Dissertação sobre as côrtes* (Memor. de litter. portug. da acad. real das sci. de Lisboa, tomo 2.^o) dá estas côrtes por celebradas em Evora; eu achei algumas memorias, que as referem a Lisboa.

(2) Torre do Tombo, cart. da corôa, masso 5, n.^o 3.

(3) Este procurador está assignado *Jeronimo* no original das mesmas côrtes (Torre do Tombo, casa da corôa, e João no exemplar impresso).

(4) Tudo isto consta do liv. das vereações de 1640 a 1642, de fl. 43 até fl. 51.

(5) Liv. 3.^o de Guadiana, fl. 24 v.

clarando logo os officiaes da camara que lhes seria tudo pago dos bens do concelho no 1.º quartel (1). E el-rei depois de concluidas as côrtes mandou, por provisão do desembargo do paço de 20 de fevereiro de 1641, que se lhes pagasse aquillo que constasse ter-se pago aos procuradores que foram ás côrtes de 1619, e da mesma parte donde a estes se havia pago (2).

Em virtude d'esta provisão, e da certidão que trouxeram constou dever-se aos ditos procuradores de ajuda de custo 1048 rs., que não receberam logo no 1.º quartel, como lhes fôra promettido, mas em tres pagamentos (3).

Côrtes de Lisboa de 1642. — N'este anno chamou novamente el-rei os povos a côrtes, e em camara de 3 de agosto se abriu a carta, em que el-rei mandava «que se elejam dous homens, que vão á cidade de Lisboa por procuradores d'este povo aos quinze dias do mez de setembro d'este presente anno, em o qual tempo serão obrigados a estar em a dita cidade de Lisboa, para assentarem o modo, com que esta villa hade contribuir pera os gastos da guerra, e as mais cousas, que por serviço de sua magestade se propuzerem nas ditas côrtes, pera o que levarão procuração bastante na forma, que sua magestade ordena.

«E tomados os votos dos officiaes da camara, assentaram que fossem por procuradores d'esta villa Custodio de Villalobos de Almeida, e Balthazar Quaresma; e porque esta materia envolve o bem commum do povo, feita a dita eleição chamaram os procuradores dos misteres, e lhe deram conta d'ella, e elles a approvaram, de que se fez este termo etc. E feita a dita eleição n'esta forma, vendo os ditos officiaes da camara que as rendas d'este concelho estavam esgotadas por este anno, e que ainda para o que vem ficava um grande empenho, assentaram que se não podia dar a cada um dos procuradores mais de um cruzado por dia, de que outrosim mandaram fazer este termo; e os ditos procuradores acceitaram o dito salario, e prometteram estar em a cidade de Lisboa no dito termo de 15 de setembro (4).

Apezar porém de prometterem os procuradores contentar-se com este salario; é certo que vindo das côrtes apresentaram em camara de 25 de outubro de 1642 uma carta regia, que mandava se lhes pagasse ajuda de custo como nas côrtes do anno antecedente (5): e a camara em vereação de 14 de março de 1643 lhe mandou pagar 40 dias na razão de dous cruzados por dia, e mais 24\$000 réis a cada um de mercê, o que tudo monta em 112\$000 réis para ambos (6). E se lhes pagou em prestações (7).

Côrtes convocadas para Thomar em 1643. — Para estas côrtes, que não chegaram a celebrar-se, escreveu a camara de Arrayolos á de Evora, pedindo que os procuradores d'esta cidade lhe acceitassem suas procurações (8).

Côrtes de Lisboa de 1668. — Procuradores Thomé Rodrigues Santiago, e Christovão do Soveral Neto.

Entre os capitulos particulares, que estes procuradores levaram, foi um sobre a queixa que havia nos moradores da villa ácerca da baixa, a que tinha vindo a governança d'ella, admittindo-se ás eleições pessoas inferiores na qualidade, e de officios humildes, cujos paes e avós nunca tinham servido os cargos da republica, por cuja causa os mais homens nobres se escusavam de servir de vereadores: e o principe, por desejar favorecer em tudo a seus vassallos, e augmentar a nobreza, houve por bem fazer mercê que os ouvidores não mettessem nas eleições d'ahi por diante cantaro de vereador a pessoa alguma, salvo áquellas cujos paes e avós tivessem servido de vereador; e em falta de sujeitos, que não possam chegar ao numero de doze em razão dos reprovados, a camara por sua escolha perfizesse o mesmo numero de doze cantaros de homens, que parecessem mais idoneos para o cargo, de maneira que a escolha não fosse dos ouvidores, que como não eram da terra, não tinham tanta razão de conhecer os moradores e nobreza d'ella, e costumavam fazer n'este particular alguns erros; advertindo que os taes eleitos de novo não tivessem servido officios mechanicos, nem fossem casados com gente de nação. E tudo consta do alvará passado em Lisboa a 12 de dezembro de 1688 (9).

Côrtes de Lisboa de 1674. — Em camara de 22 de outubro de 1673 com reunião da nobreza e misteres foram eleitos para procuradores ás côrtes Manuel Rodrigues Lasso com 18 votos, e Manuel Carneiro da Veiga (filho) com 22 votos, e logo deram juramento, e prometteram estar em Lisboa no 1.º de dezembro, na forma da ordem de S. A. (10). A estes procuradores mandou a camara em 21 de novembro dar 40\$000 réis de ajuda de custo, que se pediram por emprestimo dos bens de raiz, até resolução de S. A. (11).

N'estas eleições, e nas seguintes se guardou differente estylo, convocando-se a nobreza e misteres, e votando todos com a camara; a qual nas outras fazia por si só a eleição.

Côrtes de Lisboa de 1679 e 1680. — Só consta de um procurador, que foi o doutor Manuel do Valle Cardozo, a quem foi passada a competente procuração em acto de camara, escripta pelo tabellião André da Veiga Pinna em suas notas, a 6 de novembro de 1679, com poder de substabelecer a um e muitos procuradores; na qual procuração lhe concedem todos os poderes, que a dita camara e povo tem em direito, e lhe são concedidos para elle assistir ás côrtes, que de presente o principe nosso senhor manda fazer, para que elle dito procurador de côrtes, ou cada um de seus substabelecidos possam requerer nas ditas côrtes tudo o que lhe parecer, assim a bem do principe, nosso senhor, como a bem d'estes reinos de Portugal, e bem commum do povo d'aquella villa, e lhe dão poderes para assignarem em tudo o proposto nas ditas côrtes sem limitação alguma; e em especial para o casamento da senhora princeza, e para todas as dependencias do dito casamento, que para bem d'elle convierem a estes reinos; e para declarar e revogar as leis das côrtes de Lamego, tudo na forma da carta do principe, nosso senhor; e tudo por elle dito procurador feito, dito e requerido e assignado, ou por seus substabelecidos o ha a dita camara e povo por bom, firme e valioso d'aquella hora para todo sempre; e prometteram de não en-

(1) Liv. das vereações de 1640 a 1642, fl. 46.

(2) Registada no liv. das vereações sobredito a fl. 65.

(3) Liv. id. fl. 66 v. e fl. 106. E liv. das ver. de 1642 a 1643, fl. 34 v.

(4) Liv. das ver. de 1640 a 1642, fl. 141 v.

(5) Liv. das ver. de 1642 a 1643, fl. 9.

(6) Liv. id. fl. 35.

(7) Liv. id. fl. 98 e fl. 143 v.

(8) Cartorio da camara de Evora. liv. 9.º dos orig. fl. 392.

(9) Liv. de registo da camara de 1664 a 1673, fl. 38.

(10) Liv. das ver. de 1669 a 1674, fl. 175.

(11) Liv. id. fl. 177 v.

contrar em tempo algum a tudo por elles feito e assignado, para o que obrigavam suas pessoas e bens do concelho (1).

Côrtes de Lisboa de 1697. — Em camara de 28 de setembro de 1697, em consequencia de carta de sua magestade, se fez eleição de procuradores ás côrtes, que havia de celebrar na cidade de Lisboa, a 15 de novembro, para juramento do principe; e saíram eleitos o doutor Balthazar Mousinho do Valle com 29 votos, e o desembargador Manuel do Valle Cardozo com 23 votos. Este ultimo se offereceu para ir gratuitamente sem salario, nem ajuda de custo. Ao primeiro mandaram dar para ajuda de custo 50\$000 réis (2). E em camara de 7 de dezembro de 1698 apresentou ordem do desembargo do paço para lhe serem pagos os dias, e 30\$000 réis de ajuda de custo; e como assistiu nas côrtes 5 mezes e 23 dias, lhe mandaram pagar 5 mezes (por quanto requereu que os 23 dias se abatessem por duas jornadas, que veiu a este povo) a 800 réis por dia, que fazem 120\$000 réis (3).

Côrtes de Lisboa de 1828. — Em vereação extraordinaria de 16 de maio de 1828, em virtude de carta regia do sr. infante-regente de 6 de maio; que foi apresentada, se procedeu á eleição de procuradores para as côrtes, que dentro de um mez se haviam de celebrar em Lisboa, para reconhecer a applicação de graves pontos de direito portuguez; e á pluralidade de votos ficaram eleitos Manuel José Mendes de Carvalho, capitão-mór d'esta villa, e cavalleiro de Christo, e Antonio Joaquim Farto, natural d'esta villa, cirurgião da real camara, cavalleiro de Christo, e ambos actualmente residentes em Lisboa (4). E em vereação de 24 de maio, prestaram juramento por seus procuradores (5). Não se lhes arbitrou salario, nem ajuda de custo, por serem residentes em Lisboa.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

No mez de agosto de 1838, o theatro normal, homisiado no arruinado barracão da rua dos Condes, coroava de merecidas ovações o *auto de Gil Vicente*, n'este genero a obra mais animada do visconde de Almeida Garrett, depois de *Fr. Luiz de Sousa*. Drama e elegia igual na correção ao *Chatterton de Vigny*, e digno na paixão do pathetico de *Sophocles*, as musas teceram-lhe a corôa n'um momento de risonha inspiração.

O *auto de Gil Vicente* foi o primeiro passo firme da escola moderna pela scena portugueza. Como interpretação historica subia ás origens do theatro nacional no seculo 16.^o, abrindo com ellas o quadro da nova epocha. Atava as tradições, e honrava a arte, começando a renovação pelo retrato do funda-

dor. Como pintura de paixões e de costumes, principiando em Bernardim Ribeiro, e acabando no Plauto portuguez e no seu Mecenas, el-rei D. Manuel, os personagens, todos no seu lugar e no seu character, concorriam sem esforço para tornarem exacta a revelação do aspecto elevado de um dos maiores seculos de Portugal.

Hoje a distancia do triumpho não é facil conceber o ardor dos applausos, nem toda a razão d'elles. Os espectadores acordavam do pezadello de informes e desgrenhadas peças, e vinham respirar o ar fresco e temperado que circula nas paizagens da patria. Escutando os eccos plangentes em que parece soluçara ainda a voz do cantor das saudades, a poesia meiga e sincera exprimia as penas do amor, deixando chorar o coração. Recolhida na sua tristeza, não occultando o pranto das faces, disse a magua como a sentia, como ella commove, sem falsas contorsões, sem freneticas imprecções. Vendo-a lacrimosa e terna, a alma foi atraz d'ella para a verdade; mais ou menos, a paixão queixosa nos seus labios, tinha sido e podia ser a paixão do todos.

Mas o *auto de Gil Vicente*, na mente do poeta, que estreou com elle a scena, mirava a um alvo mais importante. Na sua idéa o drama devia ser um estimulo e um convite. O triumpho tinha-o regosijado como penhor da restauração do gosto, como fiança da futura carreira aberta. Tinham-lhe as artes cortado tantas palmas, que outra, mesmo a scenica, era inferior ao resultado que procurava. O seu objecto fôra regenerar o theatro, purifical-o das devassidões, e levantando-o com o culto das graças castas, salvá-lo do desprezo pela estimação de boas obras. Se a decadencia precedeu o esplendor, se a imitação quasi que desvairou logo á nascença, a culpa será de todos menos do auctor de *D. Branca*.

E entretanto os primeiros dias promettiam mais do que o tempo veiu realisar. Da corôa dramatica, cingida essa noute pelo sr. Garrett, brotou uma esperanza, e d'ella floresceu a vocação do poeta, que mais victorias colheu no palco. Diante da gloria e da commoção dos seus triumphos, Mendes Leal sentiu na mente o impeto que Bocage chamava o estro, e que não é senão o enthusiasmo lyrico da alma, descobrindo subitamente em si o canto e a harmonia.

Perdido no silencio, era somente ainda um mancebo estudioso que frequentava os livros, via pouco o mundo, e conversando com o seu espirito na solidão ignorava as forças de que nascêra dotado. Os grandes mestres da arte antiga foram os seus primeiros amigos de infancia. No trato pueril, e depois na reflexão da idade mais adiantada, colheu a intimidade, já hoje rara d'elles, do vate moderno com a musa pagã. O esplendor de algumas estrophes, aonde brilha o primor desses modelos quasi inimitaveis, é devido a esta convivencia, que não se suppre, cuja falta se não remedeia.

Empregado em commissão litteraria na bibliotheca publica, desvalido da fortuna, e declinando visivelmente de saude, o talento serviu-lhe de introductor no mundo. Quanto é, deve-o a si. A sua maior gloria consiste em ser filho das suas obras. Vendo-se passar, alguns dias antes, um mancebo abatido, pallido, e com a fronte pendida, quem ousaria prever a carreira que auspiciosa o esperava? Parecia que no instante em que vivia mais pelo engenho, lhe lançava a morte no rosto as sombras do sepulcro!

Luctando com a apprehensão dos padecimentos, e com a fadiga do trabalho, cujo fructo applicava á satisfação das obrigações filiaes, abrigo quasi unico de uma familia, e esteio futuro d'ella, nas horas de descanso é que avivava sobre a tela as paixões exalta-

(1) O traslado authentico da procuração, que serviu ao mencionado procurador, conserva-se em Arroyolos no cartorio de seu descendente, o ill.^{mo} sr. João José de Almeida Cardozo do Valle Mexia.

(2) Liv. das ver. de 1694 a 1700, fl. 111.

(3) Liv. id. fl. 150.

(4) Liv. das ver. de 1825 a 1830, fl. 109 v.

(5) Liv. id. fl. 112 v.

das da sua primeira peça os *Dous Renegados*. Se foram temerarias as esperanças concebidas ao desenhar esta pagina, o exito excedeu-as: Respondeu-lhe o triumpho! Naturalisando as liberdades da Melpomene, então mais que arrebatada de A. Dumas, e realçando a manifestação dos affectos com as galas e a magnificencias da phrase poetica de V. Hugo, exgotou, como o auctor de Catharina Howard, as situações violentas, cujo interesse é a anciedade; encheu de lagrimas e delirios o amor, como o auctor de Ruy Blas. Depois de tantos annos, Mendes Leal ha de sorrir-se das exagerações do primeiro ensaio; mas n'aquella noute, entre as palmas, as aclamações e as flores, nem o poeta nem a critica advertiam, que o bello e o sublime estão mais perto, na verdade da natureza e do coração; e que as fusões abrazadas, correndo para dentro de defeituosos modêlos, quebrados estes, e frias ellas, ficam estatuas aonde a criação original não accendeu a chamma divina, que faz viver as grandes figuras das idéas e do sentimento. D'ali não pode sair nunca Desdemona nem Othello!

Filho da geração nova, recebido nos braços d'uma ovação á sua entrada nas letras, o auctor dos *Renegados* achou-se de repente exposto aos perigos e seducções da popularidade. Chegava em um periodo de revolução; e os seus primeiros triumphos eram-lhe decretados pelos caprichos do publico voluvel dos theatros, que todas as novidades attrahem, e que só a lição constante consegue fazer justo regulador do gosto. Não admira portanto que o poeta, pouco experiente e ainda verde para a analyse e a observação, preferisse as exagerações da forma á simplicidade grandiosa, que é a expressão tragica da paixão; e tomando a emphase e a antithese pela sublimidade natural, arriscasse a lyra ainda balbuciante, e a musa facil em illusões pelos precipicios que n'esse tempo nem os proprios mestres evitaram.

O exemplo e a consciencia da sua fecundidade elevaram o poeta moço. Entregou-se ao publico, e seguiu-o em vez de o dirigir. Depressa lhe pareceu a scena curta para a actividade que o consumia, e veio pedir á imprensa horisontes vastos e mais largo campo. Cada dia foi uma lucta differente, uma empreza nova, uma aposta atrevida, parada com precipitação, e ganha ás vezes com mais fortuna que justiça. Na epocha feliz em que as imaginações ardentes, entendem que a pompa e o colorido resumem tudo, lançou-se á torrente e quiz atravessal-a em todas as direcções: as forças cedendo enganaram-lhe a vontade em umas occasiões; a onda passando-lhe por cima, ameaçou-o com o desastre em outras.

O verdadeiro exito consistiu em não se ter perdido; em chegar a tomar a terra, nos jardins menos phantasticos, aonde a voz dos grandes cantores, ou nas melodias imitadas da Grecia e Roma, ou nos suspiros e carmes da inspiração christã acompanha com as harmonias da natureza e da criação os typos eternos e admiraveis do bello!

Em poucos annos, raros escriptores terão percorrido como elle tão longo espaço, marcando a passagem de bastantes padrões. A facilidade repentista da invenção, e os thesouros inexauriveis d'uma phantasia quasi prodiga, permittiam-lhe tudo e animavam-no a tudo. Do drama á comedia, da ode á satyra, do romance historico á novella da actualidade, não houve genero que deixasse intacto, não houve corda na harpa que ficasse muda, nem dificuldade que o suspendesse. Combateu com todas ellas; passou pelos dominios de Walter Scott, e ao lado da interpretação physiologica de Balzac; pizou ao de leve e sem demorar os rosmatinhos e os goivos da meditação catholica de Chateaubriand!

Se o impeto o trahiou; se os poucos annos lhe faziam promessas temerarias; emfim se a confusão das linguas nas Babeis da arte lhe desvairaram a imaginação, propondo luctas em desproporção e com a idade e a indole poetica, não pode desconhecer-se, que d'essa epocha de ensaios, ainda nos resta mais de um quadro feliz na galeria, demasiado cheia das suas obras. Depois quando a reflexão corregiu as verduras; quando o poeta, ainda crente, mas já observador, e homem desenganado, voltou ao lar paterno, e viajante saúdoso, veio assentar-se debaixo das sombras da sua infancia, ao lado da musa do primeiros amores, levantando os olhos e pousando-os nas feições inquietas da mocidade, havia de gosar certo deleite em correr com o sorriso melancolico muitos paineis do seu arrojo; devia tomal-o tambem certo orgulho achando dignos do seu nome de hoje alguns aonde vive a lyrica expansiva do sentimento virgem. Não lhe acudiu aos labios um suspiro; não sentiu desejos de dizer ao presente os bellos versos de Lebrun:

Prend les ailes de la colombe

Prends, disais-je a mon âme, et fuis dans les deserts?

Apezar das tentações da politica aos talentos elevados, Mendes Leal, mesmo cedendo algumas vezes, nunca abjurou o culto das letras. Vocação espontanea, de repente suspende as armas da polemica, e solta a estrophe dourada, que sobe extatica e fremente de ternura como a de Sapho, queixosa e meiga como a *captiva* de Chénier, ou heroica, opulenta e enebriada como a de Victor Hugo. Estes carmes de uma aspiração tão firme e tão nobre, melodias da alma refugiada nas regiões superiores, vingam a musa do pugilato que se arrasta aos seus pés, e obrigam o clamor dos interesses a fazer silencio em volta dos seus altares.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



HANNAH SNELL.

HANNAH Snell nasceu em Worcester no anno de 1723. Aos vinte annos, orfã de pae e mãe, casou

com um marítimo hollandez, que em breve a abandonou. Privada de meios de subsistencia, sósnha no mundo, tomou a singular resolução de se vestir de homem, e debaixo d'este disfarce assentar praça de soldado. Pouco tempo depois, como chegasse ao regimento em que jurára bandeiras um joven recruta de Worcester, receando ser reconhecida por elle, desertou, e foi servir, como soldado de marinha, em um dos navios da esquadra do almirante Boscawen, que partia para as Indias. Hannah Snell distinguise ali pela sua agilidade, destreza, presença d'espírito e valor, já nos muitos temporaes, em que o navio se achou em grande perigo, já em diversos combates. Em Pondichery foi gravemente ferida, e para evitar que descobrissem o seu segredo, teve a constância e a habilidade de extrahir a bala. Depois de andar exposta a innumeraveis perigos, regressou a Inglaterra, onde não tardou que não se divulgassem as suas aventuras. O governo, em recompensa dos seus serviços e coragem, concedeu-lhe uma pensão de 20 libras (90,5000 réi.). A Snell acabou pacificamente os seus dias em uma pequena casa de pasto, que estabeleçera perto de Wapping, e que deveu de certo á excentricidade do viver da heroica proprietaria grande parte da freguezia que tinha.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

IV.

ANTES da descoberta de Colombo não apparece a menor memoria da estatua. Se ella existia, porque a junta composta de D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, mestre Rodrigo, e mestre Josepe « a quem elle (rei D. João II) commettia estas cousas de geographia e seus descobrimentos, » e com a qual á forga de importunações o mesmo rei mandara que Colombo conferisse sobre a sua empreza, teria por vaidade as palavras d'este « por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo? » Isto passava cêrca de 1484, quando havia ao menos 32 annos que a ilha do Corvo era conhecida e possuida pelos portuguezes. A ser verdade o achado da estatua, fôra crível que a junta não descobrisse n'este monumento singular algum indicio a favor da empreza de Colombo? Se esta vinha de imaginações de Marco Paulo, porque não accrescentava a junta a esta razão de decidir a de fazer o pretendente fundamento vão na estatua da ilha do Corvo?

Porque é que Behaim no seu globo de 1492, depois de ter casado e vivido na ilha do Fayal, apontando muitas circumstancias insignificantes a respeito do descobrimento das ilhas dos Açores, homem de sciencia em quem a geographia e cosmographia eram estudo de vocação, poude esquecer a memoria d'um facto tão espantoso e unico? Não queremos affrontar o chronista, dizendo que fôra o inventor da fabula, mas como historiador da escola da sua epocha accitou tudo quanto ouvia, convertendo-o em escriptura sem a menor sombra de critica.

Posta n'estes termos a invenção da estatua parece-nos cousa facil de explicar. Os offerecimentos de Colombo, primeiro desprezados por Portugal, depois accitos por Hespanha, e coroados do successo prometido, foram uma accusação á ignorancia, á imprevidencia, ou a má vontade de nossos sabios e politicos. Despeitaram-se contra os novos descobrimentos, que iam enriquecer outra nação rival. D'aqui

porventura inventarem ou apoderarem-se da noção popular e phantastica d'uma estatua na ilha do Corvo, com o intento secreto de tirar por este meio a Colombo a originalidade e prioridade de seus descobrimentos, que desde muito o dedo do cavalleiro apontando para o poente indicava conhecer. Assim o descobrimento da America pelos nossos rivaes ficava reduzido á facil consequencia de um descobrimento portuguez, e da luz que d'elle emanava. Quando não podiam desluzir o feito por elles perdido, minavam-lhe a sua reputação de original, e queriam de algum modo associar Portugal, ao menos pela historia, á gloria d'aquella descoberta. Se a sua imprudencia nos fizera perder o dominio d'aquellas importantissimas regiões, queriam, e em compensação, levantar ao orgulho nacional um falso monumento que attestasse a paternidade da idéa; contentar o descontentamento publico com a vangloria, e distrahir-lhe a attenção das accusações que tão bem mereciam os que aconselharam, e os que rejeitaram as propostas do aventureado navegante genovez. Entretanto mal sabiam que, lisonjeando as ruins paixões do seu tempo, combatendo surdamente a prioridade dos descobrimentos hespanhoes no novo mundo, tambem davam falsas armas com que os inimigos pudessem combater a originalidade da nossa navegação e descobrimentos modernos no alto mar Atlantico septentrional. Para salvarem o ciume nacional dos martyrios da occasião, sacrificavam ás consequencias de uma fabula grande parte da nossa gloria passada.

E não se diga que as nossas conjecturas são sem precedente, porque obra de meio seculo depois de Goes, o infatigavel Manuel de Faria e Sousa nos seus commentarios aos *Lusiadas*, menos reservado, ou mais minucioso do que o primeiro chronista, nos parece dar a chave do segredo, quando diz não « echarêmos mano de no faltar quien diga, que el (*Colombo para a descoberta da America*)... le pudo ayudar mucho da de aquella estatua (que con el indice apuntava al Occidente, como enseñando aquellas tierras) hallada por los portugueses en la isla del Cuervo... » o que ainda no ultimo tomo dos mesmos commentarios repete nos seguintes termos: « Tambien es de creer le serviria de luz... al mismo Colon... aquella estatua equestre, hallada de los portugueses en la isla del Cuervo, una de las llamadas Azores, i la mas Occidental, i Septentrional dellas... cõ... el brago derecho tendido, apuntando con el indice ázia Poniente: que sin duda mostrava essa America Occidental... » Ruy de Pina na *Chronica de el-rei D. João II*, c. 66, fallando da chegada de Colombo ao Tejo, depois do seu primeiro descobrimento, bem deixa perceber a má vontade com que lhe estavam o rei e os cortezaos. A sua auctoridade como contemporaneo é n'este ponto de grande valia. « E sendo El-Rey logo disso avisado (*diz elle*), lo mandou hir ante si, e mostrou por isso receber nojo, e sentimento, assy por creer que o dicto descobrimento era fecho dentro dos mares, e termos de seu Senhorio de Guinee, em se ofrecia disensam, como porque o dicto Almirante, (*Colombo*) por ser de sua condigam hũ pouco alevantado, e no recontamento de suas cousas excedia sempre os termos da verdade, fez esta cousa em ouro, prata, e riquezas muito maior do que era. Especialmente acusavase El-Rey de negrigente, por se escusar delle por miu-go de credito, e autoridade, acerca deste descobrimento pera que primeiro o viera requerer. E com quanto El-Rei foy cometido, que ouvesse por bem d'ho ali matarem; porque com sua morte o proseguimento desta empresa, acerca dos Reys de Castel-

la, por falecimento de descobridor cessaria; e que se poderia fazer, sem suspeita de seu consentimento e mandado; por quanto por elle ser descortes, e alvoraçado, podiam com elle travar per maneira, que cada hũ destes seus defectos, parecesse a verdadeira causa de sua morte. Mas ElRey como era Principe muy temente a Deos, nom soomente o defendeo, mas antes lhe fez honra, e muita mercee, e co ella o despedio. E porem perseguido ElRei em sua memoria deste cuidado, e teendo sobr'isso primeiro conselho junto com Aldea-Gavinha, se foi a Torres-Vedras. . . » O que tudo repete com a mesma ordem, e pouca alteração nas palavras, Garcia de Rezende no c. 164 da *Vida e feitos del rey Dom Joham Segundo*; e João de Barros *Da Asia*, decada I, parte I, c. 11.

Continuaremos nas considerações que o texto de Damião de Goes nos suggere.

O rei mandou tirar o debuxo da estatua por Duarte d'Armas. No archivo nacional não ha o menor vestigio d'esta diligencia. Nenhum escriptor contemporaneo a menciona. No livro de Duarte d'Armas intitulado *Das fortalezas que stam situadas no extremo de Portugal e Castilla*, existente na Torre do Tombo, unica obra que d'elle nos resta, nada ha concernente ao debuxo da estatua. O sr. abbade Castro, quando na sua *Carta dirigida a Salustio, amator de antiguidades*, disse que o debuxo estava n'aquella obra, errou. á força de não a conhecer por inspecção propria. O livro e em folio de pergaminho, com 139 folhas numeradas, afóra 4 primeiras sem numeração, occupadas com titulo e indice. Tem a folha numero 36 repetida. Faltam-lhe as folhas numeros 37, 38, 39 e 46, mas consultado o indice nenhuma d'ellas contivera nada a respeito da estatua. Examinamol-o attentamente, e d'isto damos testemunho. Goes em 1567 é o primeiro que falla em semelhante debuxo. E porque não faz d'elle menção na 2.^a parte c. 27 da *Chronica* de D. Manuel, que já primeiro compuzera (1558) onde de direito devia notar-se, por ser cousa d'este reinado, á similhaça do que, fallando do mesmo Duarte d'Armas, que em 1507 foi mandado a Africa sondar a barra d'Azamor, da Mamora, de Salé, e de Larache, diz que «traçou e debuxou as entradas d'estes rios, e a situação da terra?» Não parece isto indicar que a falsa importancia historica, que quizeram dar á precedente illusão da estatua, é de data posterior á composição e publicação da 2.^a parte da *Chronica* de D. Manuel?

Quebraram a estatua por mau azo, mas desculparam-se com o rei que a tinham achado desfeita por tormenta do inverno passado. Esta falsidade, que o proprio chronista reconhece, é significativa, como já tivemos occasião de notar. Quem ousava mentir ao rei não é muito que mentisse ao clero, á nobreza e ao povo, auctorizando com o falso voto da sua inspecção enganosa que deviam desenganar, porque não fosse por diante o preconceito ou a malignidade que déra corpo, formas, e existencia real a uma visão. Foram talvez estes vicios originaes, que induziram em erro o chronista.

Trouxeram ao rei fragmentos da estatua. Mas que perfeição accusavam? Éram propria ou vagamente caracterizados; a ponto de não deixarem duvida sobre a verdade e identidade de sua-anatomia geral? As rochas volcanicas dos Açores, maximè nas suas cristas, apresentam a certa distancia formas tão phantasticas, e linhas tão pronunciadas de parte ou todo de figurashumanas, animaes, edificios, etc. que custa resistir á illusão que produzem. Como isto pode prender com a origem da invenção da estatua, cla-

ramente nol-o explica o sr. general Antonio Homem da Costa Noronha, no artigo *Estatua da ilha do Corvo*, que publicou no jornal litterario e historico, a *Revista dos Açores*, t. I, p. 93. Seja permittido socorreremo-nos ás palavras d'aquelle bom amigo.

«Nunca foi tenção minha (diz o escriptor açoriano) entrar na discussão historica do que se escrevêra n'outro tempo a respeito do achado de uma estatua equestre macissa de pedra, sobre a rocha do noroeste, na occasião em que a ilha do Corvo foi descoberta; facto que unicamente, e como vaga memoria, o chronista Damião de Goes conta na chronica do principe D. João; e sobre o qual tem havido grande discordancia entre os escriptores posteriores, inclinando-se a maior e a mais judiciosa parte d'elles a contestal-o. Entretanto ainda esta materia não appareceu no publico discutida como convinha á honra das nos-as descobertas e da nossa historia: sei que um meu amigo prepara sobre ella uma memoria especial (*refere-se a este trabalho que agora sae á luz*) cuja publicação eu aguardo impacientemente. Para satisfazer pois a esse amigo não me poupei a investigações locais, durante a minha residencia na ilha do Corvo, no mez de julho do anno passado (1856). Eis o que ali colhi.

«Os naturaes, que não excedem mil almas, nenhuma tradição têm de haver na ilha nem vestigios d'aquella estatua, sendo que, se o achado d'ella fosse historico, memoria de monumento tão notavel não deixaria de perpetuar-se de paes a filhos. O que porém é incontestavel é que já sobre as rochas, já na superficie do terreno, se avistam penedos, que em certa distancia, ao olho nú, parecem figuras semelhantes a organisadas. Nas immedições do Caldeirão, agradável cratera d'um volcão extincto, coberta de lagos e ilhotas, matizadas, como as margens de bella verdura, ao norte da ilha, e já notada nas cartas maritimas do capitão Vidal, abundam os exemplares dos taes penedos-estatuas.

«Nenhum outro resultado colhi nos meus trabalhos. Consultei paciente e aturadamente a tradição, que nada me respondeu: percorri e investiguei attento os logares ao noroeste, e tudo pareceu dizer-me que a estatua fôra uma illusão optica.»

Este testemunho sincero de quem pessoalmente investigou os logares é d'um grande valor, e se não termina abertamente a questao da existencia ou não existencia da estatua, derrama incontestavelmente grande luz sobre o caracter dos fragmentos que, dizem, vieram ao reino. O que veio porventura, não era mais do que borcelos de cristas volcanicas, com que, ainda depois do desengano, se obstinavam sustentar o erro da primeira idéa, quando só por mui longe dariam visos dos membros que o chronista inventaria. Não seria por isso, per essa sua imperfeição extra-monumental, que ninguem os tomasse pelo que diziam ser, e fossem desprezados a tal ponto, que poucos dias estivessem na guarda-roupa do rei, desapparecendo d'ella para sempre, o que de certo não succederia, se n'elles claramente se reconhecessem fragmentos d'um monumento unico na origem, no achado, e em todas suas circunstancias?

Os fragmentos estiveram na guarda-roupa. O chronista não diz que os viu. Buscou saber o que fôra feito d'elles e não o alcançou. Pois das camaras reaes desappareciam cousas importantes impunemente, e nem sequer ficava em memoria o caminho que levavam? Se entre 1517 e 1521 é que Goes foi guarda-roupa do rei, é de data anterior o extravio dos fragmentos, porque não falla d'isso como de cousa occorrida no seu tempo. Logo a perda só pudera ter logar ali entre 1507 (em que ha memoria de trabalhos de Duarte d'Armas) e 1517. Será pois cri-

vel que em dez annos succedesse tudo isto, e a memoria do desaparecimento se perdesse de modo que já nada constasse a tal respeito, quando Goes entrou no serviço da guarda-roupa? Na quitação que em Evora a 11 de maio 1535 D. João III passou a Pero Carvalho da entrega de todos os objectos recebidos na guarda-roupa d'el-rei D. Manuel, desde 19 de dezembro 1520, até 21 de novembro 1521, não se faz nem menção nem allusão a fragmentos da estatua que no acto da transição da guarda-roupa lá estivessem, ou houvessem precedentemente estado.

Quando o donatario da ilha do Corvo Pero da Fonseca a foi ver em 1529, soube dos moradores que na rocha a baixo d'onde estivera a estatua havia umas letras. Só de dous modos podia descobrir-se inscripção: ou achando-a explorando a ilha por terra, ou vendo-a contornando a costa pelo mar. Pelo primeiro modo de certo não foi ella descoberta, porque para ir ao lugar onde diziam que ella estava foi necessario descer homens por cordas bem atadas: pelo segundo, descobrir do mar ou da praia letras gravadas n'uma alta rocha, negra e volcanica, como é a de toda a ilha, particularmente a do noroeste, fôra cousa inconcebivel, mesmo que allegassem o auxilio do melhor telescopio! Mas, se a estatua foi destruida pela tormenta, ou apeada, pelos emissarios, sempre no lugar onde estivera ficaria vestigio da sua base: entretanto é o que nunca se pode achar n'um trato de terra tão pequeno, nem a memoria do lugar se conservou na tradição dos habitantes, o que de certo succederia se a primeira idéa d'esta visão ou realidade d'elles viesse originalmente. Tudo leva a crer que não foi dos corvinos que a phantasia da estatua partiu. Não repugna porém que da illusão optica, que porventura foi a origem primeira do falso monumento, derivasse a segunda illusão da inscripção; porque era facil, a quem tanto propendia a descobrir maravilhas, deixar-se seduzir pela geral apparencia da rocha volcanica do Corvo, que por sua natural porosidade, e sulcos que o rocio das ondas n'ella faz, carcomendo-a nas partes menos resistentes, pode facilmente induzir os desprecatados em erros semelhantes.

Taes são as considerações que o texto de Damião de Goes pedia que fizéssemos para illustração do ponto; e das contradicções e absurdos que notamos parece inferir-se logicamente que a auctoridade das palavras do chronista é n'este particular nenhuma, porque não dá testemunho pessoal de quanto relata da estatua, e é natural suppor-se fosse victima da geral credulidade, produzida pela invenção (innocente, ou damnada?) do estranho monumento. Resta ainda apontar alguns argumentos geraes, já directos, já indirectos, que, na ausencia de vestigio, ou documento insuspeito da existencia real da estatua, tornem impossivel acreditar-se n'ella.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

ADEUS!

ADEUS, eu volto ao mundo, e dentro em breve
No turbilhão revolto das paixões
Quem da paz no remanso ind'hoje escreve
A'manhã sondará tredos volcões.

Eu deixo a solidão hospitaleira
Onde vim minhas lagrimas seccar
Pela confusa grita traiçoeira
Que os bandos soltam no confuso mar!

A's tão lindas manhãs d'um lindo outono
Ao sol, á briza, ao campo, e mais á flor,
A' quieta choupana do colono
Resumo n'este canto um adeus d'amor!

Aqui, na solidão, ai como é bello
Abrindo o coração fallar com Deus
Pôr em nobre affeição nobre disvello,
Na lyra modular segredos seus!

E eu vou deixar-te, solitaria estancia!
Ao mundo das paixões volto outra vez!
D'estes formosos campos a fragrancia
Não voltarei a ter nunca talvez!

Adeus, ó solidão, meu grato asylo:
Se a tormenta amanhã me sepultar,
Não reveles, não digas o sigillo
De quanto, ó solidão, te vim contar.

Debaixo de meus pés vejo um abysmo!
Ao mundo volto! — Solidão — adeus!
Quanto mais em deixar-te eu penso e scismo
Mais preso, ó solidão, encantos teus!

L. A. PALMEIRIM.

RECEITA E DESPEZA DO REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA NO ANNO DE 1853.

Receita.

	Lb. str.	sh.	dins.
Alfandegas	20.902:734	4	8
Excise	15.337:724	4	6
Tymbre	6.975:416	19	9
Income-tax	3.153:867	6	5
Contribuição territorial.	5.588:171	18	8
Correios	1.104:000	"	"
Propriedades da corôa. .	402:888	19	3
Entregue pela comp. ^a das Indias	60:000	"	"
Receitas diversas	905:540	16	5
	<u>54.430:344</u>	<u>9</u>	<u>8</u>

Despeza.

Divida consolidada . . .	27.436:193	8	4
Bilhetes do thesouro . .	368:650	16	2
Lista civil	399:572	10	"
Pensões.	352:435	2	5
Corpo diplomatico . . .	149:777	19	8
Tribunaes de justiça . .	1.107:094	13	2
Exercito	6.763:488	5	1
Marinha	6.640:595	19	6
Soldos civis.	4.463:690	3	8
Guerra da India	260:000	"	"
Outras despezas.	3.232:340	16	11
	<u>51.174:839</u>	<u>14</u>	<u>11</u>
Sobras no anno de 1853.	3.255:504	14	9

— O casamento é o acto mais grave da vida do homem, e contudo é commummente o que se pratica com maior irreflexão.